

EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Raisa Damascena Rafael³

Resumo

Este artigo propõe um mapeamento pela literatura de sertão, analisando alguns casos exemplares, e retomando a discussão sobre o valor de uma literatura regionalista, a partir de uma análise da linguagem empregada, com intuito de romper esquemas dicotômicos de análise.

Palavras-chave: Regionalismo. Sertão. Linguagem.

Abstract

This article proposes a mapping of the hinterland literature, analyzing some exemplary cases, and referring to the discussion about the value of a regionalist literature, from an analysis of the language employed, aiming to break dichotomous analysis schemes.

Keywords: Regionalism. Wilderness. Language.

1 SERTÃO, REGIÃO

O tema desta edição da revista *Entrelaces* indica a perenidade de um determinado conflito em torno da denominação “literatura regional”. O debate em torno dessa ideia também foi proposto no XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, ocorrido em 2013, cujo tema era a internacionalização do regional. No mesmo ano, na grande mídia, a revista *Piauí* nº 80, publicada em maio, trazia a discussão em torno da “modernistolatria” paulista, apontada pelo professor, escritor e ensaísta Luís Augusto Fischer. Outra revista de estudos literários, *O eixo e roda*, publicada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na primeira edição de 2014, embora não tivesse por explícito a temática regionalista, recebeu um artigo específico sobre o regionalismo, outro sobre *Os Sertões* e dois sobre *Grande Sertão: Veredas*. Por fim, neste mesmo ano, o instituto Caixa Cultural exibiu a mostra de filmes “Sertão Pop”, em torno da produção nacional a partir do sertão, na fase denominada retomada (a partir da década de 1990). Assim, com base nessa pequena amostragem, parece-me que o regionalismo, o regional, a literatura ou o cinema de sertão permanecem despertando interesse de estudo, numa discussão que

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

ainda se mostra válida, se pensarmos na recente circulação nas mídias sociais da proposta de separatismo pós-eleitoral.

O conflito que se insinua nas indicações acima é social, e se não traz mais a marca da palavra subdesenvolvimento, deixa ver a marca da desigualdade que está em jogo na dinâmica centro-periferia. Refiro-me aqui ao célebre ensaio de Antonio Candido, “Literatura e desenvolvimento”, não qual se elabora três perspectivas de regionalismo, entendido como a literatura de ficção voltada para a descrição das regiões e dos costumes rurais, desde o romantismo: regionalismo inicial/pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo. Em grosseira simplificação, conceituamos como regionalismo inicial aquele que se identifica com o momento literário em que se enfoca a exaltação da exuberância nativa da colônia. Atendendo a propósitos de unificação da nação e criação de um sentimento de nacionalidade, temos um regionalismo descritivo, voltado para o exótico, o peculiar, no qual se percebe certo otimismo patriótico, que será superado pelo pessimismo que aflora quando se principia a tomar consciência de nosso subdesenvolvimento, o que se dará em torno de 1930. Acirrando essa tomada de consciência e transferindo a questão da exclusão e exploração para o nível da linguagem, temos o super-regionalismo. Essa tripartição já foi reiteradamente mapeada e criticada, mas, em seu bojo, temos a indicação de uma consciência de problemas sociais que se refletem na e pela literatura.

Desviemos, pois, para um dos marcos iniciais dessa literatura de sertão e denúncia, o sempre lembrado *Os Sertões*. Sua classificação destoa daquele regionalismo inicial, ainda que contemporâneo, pois, ao invés da inocência das descrições da beleza da terra farta, temos a delação de um crime, como declarado já na “Nota Preliminar”. As três grandes partes (terra, homem, luta) compõem um encadeamento lógico, de maneira que o massacre cometido em Canudos se afigura como uma consequência natural dos elementos anteriores, descritos num procedimento de composição mista de linguagem, cujo método descritivo se assemelha ao pontilhismo, numa composição que aos poucos configura e expõe o quadro de exclusão daquele povo, pela lógica determinista, massacrável.

Um povo que, isolado das benesses e dos vícios do litoral, constitui uma raça de brasileiros, fruto de uma mescla consolidada de brancos, negros e índios. Nas “Notas do Autor”, item V, Euclides refuta a crítica que enxergava uma contradição entre as afirmativas “Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez nunca” e “Atavaca-se a rocha viva da nossa raça”. Defende-se o autor com as seguintes palavras:

E era natural que, admitida a arrojada e animadora conjectura de que estamos destinados à integridade nacional, eu visse naqueles rijos caboclos o núcleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva de nossa raça. Rocha viva... a locução sugere-me um símile eloquente. De fato, a nossa formação, como a do granito, surge de três elementos principais [...] Ao fundo, porém, removida a camada superficial, está o núcleo compacto e rijo da pedra. Os elementos esparsos, em cima, nas mais diversas misturas, porque o solo exposto guarda até os materiais estranhos trazidos pelos ventos, ali estão, embaixo, fixos numa dosagem segura, e resistentes, íntegros. Assim à medida que aprofunda, o observador se aproxima da matriz de todo definida, do local. Ora, o nosso caso é idêntico – desde que sigamos das cidades do litoral para os vilarejos do sertão. (CUNHA, 2003, p. 538).

A locução “rocha viva” se coaduna com o sertão e o sertanejo, na visão de um observador de fora. Repisemos, pois, a etimologia da palavra sertão, sobre a qual muito se especulou, e que foi estabilizada por Gustavo Barroso como advinda de *celtão*, palavra de origem angolana para designar o mato longe da costa. Há outra corrente etimológica que defende a origem portuguesa da palavra, advinda das mutações de *desertanum*, também com o sentido de distante do litoral, interior. Ambas possibilidades são exploradas por Gilberto Mendonça Teles, no ensaio “O lu(g)ar dos sertões”, no qual é mapeado o uso desta palavra na literatura brasileira, desde a carta fundamental de Pero Vaz de Caminha. Seguindo essa vereda, percebemos que o sertão, desde sua origem etimológica, abarca tudo o que está para dentro do litoral, o *hinterland*, cabendo-lhe desde o interior nordestino até a floresta amazônica, este sertão verde infernal sobre o qual versou *O Guesa*.

Não deixa de ser irônico o apontamento de Luís Augusto Fischer no artigo “A Formação vista desde o sertão”, segundo o qual, considerando os estudos econômicos de Jorge Caldeira, o empreendedorismo dos sertanejos impulsionou nossa economia de forma majoritária, ao contrário do que se pensava sobre o desenvolvimento econômico ter sido mais célere nas capitais litorâneas. Assim, os bandeirantes (os paulistas, de cuja modernistolatria Augusto Fischer se queixa) também tinham lá o seu lado sertanejo, em oposição à litoraneidade do Rio de Janeiro imperial. Esse binarismo que se funda na própria etimologia da palavra sertão (é o observador litorâneo que designa de sertão aquilo que lhe é distante, aquilo que é *outro*) nos leva a uma sucessão de escritos em defesa do respeito às diferenças e da literatura menor, menor no sentido de menos privilegiada, menos valorizada, como, por exemplo, o artigo de Denise Mallmann Vallerius, “Regionalismo e crítica: uma relação conturbada”:

Sabemos que a escrita regionalista continua presente não apenas em nossa literatura, mas nos mais diversos sistemas literários espalhados pelo mundo, contrariando, inclusive, a política econômica e cultural do processo de globalização que vige mais fortemente nas últimas três décadas. Devemos

procurar entendê-lo, portanto, não como uma tendência anacrônica ou como sinônimo de literatura menor, mas como um fenômeno literário dinâmico que se encontra em constante processo de transformação. Se a crítica modernista acusava-o de ser mera literatura de epígonos europeus, cabe perguntarmos que literatura não o era e se seria possível não o ser. Afinal, falar do local valendo-se de modelos externos foi um procedimento necessário ao amadurecimento de nossa literatura, e sem esse regionalismo *tradicional* não chegaríamos à excelência de tantas obras contemporâneas, como *Grande sertão: veredas*. É válido questionarmos se Guimarães Rosa teria escrito sua grande obra sem que muitos precursores da temática e da linguagem local iniciassem o trabalho com a *matéria bruta*. Uma das consequências da crítica modernista, como vimos, está justamente em tratar como regionalismo apenas o período anterior à década de 1930, quando ele continua sempre presente, embora, para aceitá-lo, seja necessário tratá-lo sob outro *rótulo*: seja como romance de 30, seja como vanguarda experimental, seja como superregionalismo. De toda forma, continuamos frente ao mesmo fenômeno, que, como qualquer outra temática, poderá ser trabalhado com maior ou menor excelência artística, com servilismo ou com respeito às diferenças. (VALLERIUS, 2010, p. 79).

A meu ver, o trabalho de Guimarães Rosa com a língua pode ser chamado de literatura menor em outro sentido, naquele que nos legou Deleuze e Guattari, a língua que, desterritorializada, cria um fluxo de intensidades, opera uma neutralização ativa do sentido, arrancando da língua seu poder de significação, criando um circuito direto entre palavras e imagem. Essa me parece ser a operação de Guimarães Rosa com a língua, nos seus esforços de escavar arcaísmos, importar expressões estrangeiras, apresentar expressões populares, mover a(s) língua(s) como um todo para criar outra.

Cássio Tavares no artigo “Ainda o regionalismo: um olhar de banda sobre esta ‘velharia’”, em diálogo com Fischer, aponta para a necessidade, também detectada pelo colega gaúcho, de expor, via materialismo (cumprindo a tarefa de história a contrapelo, proposta por Walter Benjamin), as bases do conflito espelhado nesse debate entre literatura regional (e, por extenso, sem valor, datada, ultrapassada) e “alta” literatura. Essa questão parece-me expressa no trecho:

Suprimir simplesmente os termos ‘modernismo’ e ‘regionalismo’ é coisa pouco praticável justamente porque as relações materiais que instituíram a hegemonia que lhes dá sustentação não desaparecerá. Um materialista há de saber que essas categorias desaparecerão por si mesmas se e quando as relações sociais que lhes dão sustentação forem superadas; enquanto isso, de nada vale torcer o nariz para elas — melhor será tomá-las como problema, e aprofundar ainda mais a descrição a contrapelo dessas relações. Uma primeira tarefa seria rever a formação da literatura brasileira, procurando referi-la continuamente ao processo histórico de formação do Brasil. Nesses processos, interessa ver seus elementos unificadores e também suas fraturas, que estabelecem, entre outras coisas, o complexo de relações que institui a versão tupiniquim da dinâmica centro-periferia; referir ao conjunto os diferentes produtos literários ao longo do processo de formação do Brasil, levando em conta sua condição periférica e suas desigualdades internas, mas sempre buscando referir os achados teóricos e críticos a seus possíveis correlatos, a seus eventuais desdobramentos ou

oposições plausíveis em outros momentos históricos, sobretudo o atual. A partir daí, há de se fazer possível a constituição de um quadro conceitual mais adequado ao nosso problema, no qual as diferenças e semelhanças entre a produção literária de regiões diferentes ou épocas diferentes não apenas tenham direito à existência, mas que sejam interpretáveis, de modo que se tornem esclarecedoras para as configurações da vida sócio-cultural. (TAVARES, 2011).

2 SERTÃO, PEDRA

Um caminho que se delineia para a quebra dessa análise literária somente via dicotomia centro-periferia parece-me ser a atenção ao texto. Proponho uma leitura da linguagem pedregosa da literatura de sertão. *Vidas Secas* manifesta esse caráter rochoso na secura das construções curtas das frases. Em *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa esculpe seu granito com trigramas, como já demonstrado por Décio Pignatari. A rocha também tem seu destaque em Macunaíma, que subverte o indianismo Alencariano. O herói sem nenhum caráter deixa seu brejo-sertão para resgatar seu amuleto-muiraquitã. O herói nasce negro, transmuta-se em branco e chega a príncipe, sem deixar de dialogar com as forças naturais, mesclando crenças pagãs indígenas e interioranas. Nessa migração, o herói se depara, na cidade, com o deus-máquina, verdadeiro demônio “que a máquina devia de ser um deus que os homens não eram verdadeiramente donos só porque não tinham feito dela Iara explicável mas apenas uma realidade do mundo” (ANDRADE, 2008, p. 54). Macunaíma chega a querer brincar com a máquina, subjuga-la e tornar-se imperador dos filhos da mandioca, mas a máquina não tinha os distintivos femininos de que tanto ele gostava.

Gostava também de brincar com a língua, esta pedra fundamental da nacionalidade e do humano. “Ai, que preguiça” e “POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA OS MALES DO BRASIL SÃO”, gosta de repetir Macunaíma, que, na “Carta pras Icamias”, utiliza formalíssimo português, destoando dos demais capítulos, abundantes de expressões populares. Nesse mesmo capítulo, a frase lapidar: “Ora sabeis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra” (ANDRADE, 2008, p. 107). No capítulo seguinte, uma referência direta a *Os Sertões*:

Nesse tempo veio pedir pousada na pensão o índio Antonio, santo famoso com a companheira dele, Mãe de Deus. Foi visitar Macunaíma, fez discurso e batizou o herói diante do deus que havia de vir e tinha forma nem bem de peixe nem bem de anta. Foi assim que Macunaíma entrou pra religião Caraimanhaga que estava fazendo furor no sertão da Baía. Macunaíma

aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito. (ANDRADE, 2008, p. 113).

Mário de Andrade prossegue, pois, na saga do nosso herói afirmando jocosamente, nas suas diabruras paródicas, as dicotomias brasileiras: língua escrita e falada, cidade e campo, atraso e progresso, homem e máquina. Por fim, nosso herói se cansa, desiste dessa terra, sobe num cipó, gravando “na laje que já fora jabuti num tempo muito dantes: NÃO VIM NO MUNDO PRA SER PEDRA” (ANDRADE, 2008, p. 208).

Fabiano parece ter vindo ao mundo para ser mais uma pedra dos sertões: não sabe se é um homem ou um bicho. Baleia, a cachorrinha da família, muitas vezes demonstra ter uma compreensão maior sobre aqueles que a circundam do que eles próprios. A tensão homem do campo e homem da cidade permanece nessa obra, acirrando-se: “comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior” (RAMOS, 2010, p. 76). A questão da língua opressora, que se configura marcadamente como instrumento de poder é destacada, por exemplos, nos trechos:

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. (RAMOS, 2010, p. 35)

Se ele soubesse falar como sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaralhava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safado. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! (RAMOS, 2010, p. 98).

O destino se apresenta catastrófico para esse homem-bicho, que anda como um urubu, só possuindo elegância quando fundido ao alazão, tocando os bois:

desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. Não ia fazer nada. Matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, enquanto o deixassem ficar. Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na caatinga seca. (RAMOS, 2010, p. 99).

Aqui percebemos a denúncia de Graciliano Ramos, filiando-se a Euclides na afirmação de que os sertões continuariam a mandar para a cidade homens fortes e brutos, como Fabiano. Esses homens fortes, nômades, massificados, continuariam a migrar num ciclo sem fim de mudanças e fugas, tal e qual abertura e fecho do volume: “Mudança” e “Fuga”. A seca, nesta obra, é a porteira do sertanejo na travessia da vida e o sertanejo não passa de um títere das forças naturais.

Radicalizando o regionalismo, Guimarães Rosa, com sua travessia do testemunho de Riobaldo. Esse regionalismo que é e não é, que Candido intitula super-regionalismo, pois ocorre sublimação das categorias de descrição pitoresca da realidade e o caráter de denúncia se concretiza na própria estrutura narrativa, não mais no enredo em si. Assim, em *Grande Sertão: Veredas*, segundo Willi Bolle:

A obra coloca em cena uma falta de entendimento que é social, histórica e política. O pseudodiálogo entre o narrador sertanejo e o interlocutor letrado – que é na verdade um imenso monólogo – é uma encenação irônica, com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais. (BOLLE, 2004. p. 385).

A denúncia do abismo social se opera na própria construção do texto em um diálogo que é um monólogo de um narrador sertanejo. O procedimento super-regionalista de Rosa consiste, portanto, desse jogo de ambiguidades: superar o regionalismo via regionalismo, denunciar o fosso entre classes sociais via diálogo-monólogo de um narrador jagunço-filósofo que utiliza, para se exprimir, tentar se compreender, uma linguagem cifrada, repleta de arcaísmos e palavras-valise, numa prosódia sertaneja de negativas e inversões sintáticas constantes. Ambiguidade consistente na dúvida se o diabo, e, portanto, Deus, existe. Riobaldo é um jagunço, mas antes de tudo, um homem que se depara com as questões mais elementares da vida humana, o amor e a (in)existência de Deus.

A travessia de Riobaldo reconfigura a terra, o homem, a luta. A terra é objetivamente o sertão, mas um sertão que está em toda parte, sertão que se interioriza: a solidão humana. O homem, um forte, um bruto, que se apaixona por um companheiro seu e nesse amor sofrido se questiona sobre tudo, passa a especular ideias. Uma luta entre bandos de jagunços, em que a vitória é também derrota, com a morte do grande amor, Diadorim, revelada mulher, expiando Riobaldo somente na hora da morte. Uma luta do homem com seus impulsos, seus desejos de bicho, e sua própria existência, seus medos infernais. Uma construção barroca, nas ambiguidades, reversibilidades, duplas negativas, curvas da linguagem e construção de personagens, nos abismos que nos revelam.

3 PEDRA, QUIASMA

O percurso pedregoso deste artigo se encerra no pequeno livro de poemas de João Cabral de Melo Neto, cujos poemas reversíveis remontam à figura de linguagem

do quiasma, já lembrado por Guimarães Rosa na Lemniscata e presente da profecia de Conselheiro quanto à reversibilidade entre mar e sertão. Uma educação pela língua da pedra, que nos lembra o conflito inaugural deste país, o conflito pela terra, como apontado por Hernani Heffner no ensaio “Miragens do sertão”. Retornar à terra enxergando as lutas que ela enseja e lutas que se travam também na língua e na literatura:

Uma educação pela pedra: por lições; Para aprender da pedra, frequentá-la; Captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria Ao que flui e a fluir, a ser maleada; A de poética, sua carnadura concreta; A de economia, seu adensar-se compacta: Lições da pedra (de fora para dentro, Cartilha muda), para quem soletrá-la. Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, E se lecionasse, não ensinaria nada; Lá não se aprende a pedra: lá a pedra, Uma pedra de nascença, entranha a alma. (MELO NETO, 1994, p. 338).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mario. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BOLLE, Willi. **Grandesertao.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FISCHER, Luís Augusto. A formação vista desde o sertão. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 18, p. 41-72, 2011.
- HEFFNER, H. Miragens do sertão. In: ARAGÃO, Aurélio; HEFFNER, Hernani. (Orgs.). **Miragens do sertão** (Catálogo). Rio de Janeiro: CCBB, 2003, p. 04-14.
- MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2010.
- TAVARES, Cassio. **Ainda o regionalismo**: um olhar de banda sobre essa “velharia”. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0857-1.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos Sertões. **Verbo de Minas** – Letras on-line. Juiz de Fora, v. 8, n. 16, p. 71 – 108, jul./dez. 2009.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. **Antares: Letras e Humanidades** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, n. 3, p. 63-80, jan.-jun. 2010.